

Geopolítica e Geoideologia na Atualidade: rumo ao pluralismo ideológico?

Rafael Regiani¹

André Roberto Martin²

Resumo: A “morte” do socialismo ao fim da Guerra Fria levou autores como Francis Fukuyama a proclamar a vitória definitiva do liberalismo como único programa político possível, e da globalização como sendo o destino inexorável da humanidade, que teria chegado, desse modo, ao ponto culminante, e, portanto, ao fim de sua História. Contudo os atentados de 11 de Setembro reforçaram uma perspectiva concorrente, e provocaram uma guinada no pensamento dominante na direção da teoria do choque de civilizações de Samuel Huntington, onde o fundamentalismo islâmico aparece como um novo adversário do Ocidente. Na Rússia, a ascensão de Vladimir Putin foi por sua vez acompanhada da retomada da ideia eurásiana, que busca recuperar valores da sociedade tradicional russa. Este trabalho tem como objetivo iniciar uma breve discussão sobre as “geoideologias”, isto é, os modelos de sociedade ideal e sua relação com a geopolítica, e qual a relevância das mesmas na atualidade das relações internacionais.

Palavras-chave: Geopolítica, Geoideologia, Contemporaneidade

Resumen: La “muerte” del socialismo al final de la Guerra Fría llevó autores como Francis Fukuyama a proclamar la victoria definitiva del liberalismo como el único programa político posible y de la globalización como siendo el destino inexorable de la humanidad, que tendría llegado, dese modo, a lo punto culminante, y, por lo tanto, al fin de la Historia. Pero los atentados del 11 de Septiembre reforzaran una perspectiva concurrente, y provocaran una mudanza del pensamiento dominante en la dirección del choque de civilizaciones de Samuel Huntington, en que el fundamentalismo islámico aparece como un nuevo adversario del Occidente. En la Rusia, la ascensión de Vladimir Putin fue por su la vez acompañada de la retomada de la idea eurásiana, que mira recuperar los valores de la sociedad tradicional rusa. Este trabajo tiene como objetivo iniciar una breve discusión acerca de las geoideologías, o sea, los modelos de sociedad ideales y su relación con la geopolítica, y cual la relevancia del ellas en la actualidad de las relaciones internacionales.

Palabras-clave: Geopolítica, Geoideología, Contemporaneidad

Introdução

A partir de meados do século XIX a palavra “ideologia” converteu-se em um conceito inseparável da ação política, querendo indicar, na maioria das vezes, um conjunto de valores permanentes capazes de orientar a ação dos partidos na disputa cotidiana pelo poder. O quadro de referência no caso é o Estado, e as relações de

¹ Mestrando em Geografia Humana pela FFLCH-USP. Contato: rr.geousp@gmail.com

² Professor Titular do Departamento de Geografia da FFLCH-USP.

poder analisadas são de natureza intra-estatal, isto é, submetidas a regras jurídicas resultantes de uma determinada formação social num dado território.

No caso das relações entre Estados, a identificação da “ideologia” sofre a interferência de um componente frequentemente ausente nas considerações da Filosofia e da Ciência Política, qual seja a do espaço geográfico concreto, ou, dito de modo mais preciso, da posição geopolítica do Estado frente ao conjunto da superfície da Terra.

É nesse sentido que se propõe um conceito de síntese, o de “geoideologia”, refletindo justamente aqueles valores que estão associados a certo tipo de configuração espacial. Embora uma noção ainda em construção, a “geoideologia” pode vir a significar uma importante inflexão metodológica nos estudos habituais que subsidiam a política exterior dos Estados, porque ao invés de partir das ideologias já consagradas, baseadas nos interesses de classes, e, portanto, considerar a política de alianças como uma política de classes, interpreta ao contrário, o espaço concreto como o dado primário, fundamental, e a diplomacia e a política externa em geral como um desdobramento necessário deste. Partido do território, as geoideologias refletiriam melhor os interesses do povo, da nação, e poderiam orientar uma política externa voltada aos reais interesses nacionais.

O artigo pretende, assim, trabalhar inicialmente a definição do conceito de ideologia, para depois deduzir definições para o conceito de geoideologia. Em seguida tratará da relação deste conceito com a geopolítica. Para ao fim dar exemplos de algumas geoideologias contemporâneas existentes mais relevantes na política mundial.

O que são ideologias

O significado da palavra ideologia historicamente variou entre um valor semântico positivo e outro negativo. O primeiro autor a empregar o termo foi, ao que tudo indica, Destutt de Tracy, que junto a outros autores franceses, tais como Cabanis, Volney, De Gerando, ficaram conhecidos simplesmente como “os ideólogos”. A intenção destes era fundar uma Ciência das Ideias (MORAES, 2005, p. 37).

Dotado do mesmo sufixo ‘logos’ (traduzido do grego como ‘razão’ ou ‘tratado’) de outras ciências, tais como Geologia, Biologia, Meteorologia, etc., a Ideologia seria

assim definida, simplesmente, como o estudo científico das ideias. Neste sentido, a Geoideologia designaria um subcampo da Ciência das Ideias encarregada de compreender as ideias relativas ao espaço geográfico. Moraes enfatiza três modalidades de discurso em que as ideologias geográficas estariam presentes: 1) o sobre o “caráter” ou “aptidão” de determinado espaço; 2) o que coloca questões sociais como qualidade do espaço; e 3) o normativo existente no planejamento do espaço. Mas o autor admite que de certa forma toda elaboração política sobre temas espaciais constituem matéria de estudo científico das ideologias geográficas (2005, p. 44-45).

O segundo significado de ideologia é o de doutrina. O termo assume uma forma de natureza propositiva, de um conjunto de ideias inter-relacionadas, voltadas para explicar a realidade, e mesmo alterá-la através de programa político. Aqui entram todos os ‘ismos’: liberalismo, socialismo, fascismo, cristianismo, islamismo, etc. As geoideologias abarcariam desse modo, aquelas doutrinas cujo programa político assume uma dimensão espacial, tais como o globalismo, o ecologismo, o federalismo, os vários separatismos, municipalismos, o urbanismo, etc.

O terceiro significado possível para ideologia é aquele emprestado pelo marxismo como sendo o de ilusão, ou falsa consciência. O próprio Marx não discorreu muito sobre a ideologia. Sua passagem mais conhecida sobre o termo aparece no livro *A Ideologia Alemã*, em um capítulo chamado ‘A ideologia em geral, em especial a alemã’, em que compara a ideologia ao efeito de uma câmara escura:

Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta de seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico. (MARX e ENGELS, 2007, p. 94).

Na verdade, Marx não foi o criador deste significado negativo para o termo. Os ideólogos franceses que fizeram oposição ao regime de Napoleão Bonaparte, foram, em contrapartida, por ele acusados de serem enganadores, e estarem distorcendo a realidade para prejudicar seu governo. Marx apenas manteve e desenvolveu o significado pejorativo dado originalmente por Napoleão (MANNHEIM, 1986, p. 98).

Por conseguinte, as geoideologias no sentido marxiano poderiam ser interpretadas como artifícios voltados a camuflar as relações espaciais hierárquicas tais como centro/periferia, núcleo/margem, nacional/estrangeiro, países do Norte/países do Sul, etc., existentes na realidade, naturalizando desse modo as injustiças sócio-espaciais, e geradoras de falsas consciências, em que os dominados tomam como seus os interesses dos dominantes.

Geoideologias e sua relação com a Geopolítica

Em sua gênese, a política é a aplicação do poder, e o poder é utilizado como um meio para um fim maior, que é o bem-estar da *polis*, do povo, da nação. Conforme relembra Nicholas Spykman: “*Do ponto de vista ético, o poder pode ser considerado um meio, não um fim; importa, portanto que seu uso esteja constantemente sujeito a critérios morais.*” (MATTOS, 2011, p. 209). Contudo o entendimento do que representa o bem a ser perseguido é permeado pela ideologia, uma doutrina que envolve valores, crenças, visões, etc.

Golbery do Couto e Silva corrobora esse ponto de vista ressaltando que toda geopolítica contém: “*uma doutrina, abrangendo uma metodologia também; uma perspectiva ou ‘cosmovisão’ ou ‘weltanschauung’; e diretrizes gerais para ação*” (1981, p. 106).

Friedrich Ratzel, por sua vez, ao expor a sua segunda lei do crescimento espacial dos Estados, afirma que o mesmo “apresenta outros sintomas de expansão: ideias, intercâmbio comercial, atividades missionárias” (MATTOS, 2011, p. 140). Exemplos disso seriam as teocracias europeias medievais, que adotavam o cristianismo como ideologia política e a construção da Cristandade mundial como geoideologia. Para isso, financiavam a atividade missionária a fim de converter os nativos à religião cristã e expandir geograficamente a civilização cristã. As teocracias árabo-islâmicas faziam o mesmo, e exportavam sua fé juntamente a seus comerciantes, incorporando novos territórios, como a Índia e a Indonésia, à *umma*.

O aparecimento do Estado laico não foi o fim da exportação de ideologias, senão que a religião oficial foi trocada pelas ideologias iluministas do liberalismo e do socialismo em termos de propaganda política. Os modernos ‘missionários’ das ideologias são intelectuais e ativistas reunidos em *think tanks*, institutos, fundações,

ONGs, mídias, e outros veículos de comunicação encarregados de difundir certas ideias mundo afora.

Na perspectiva ratzeliana, ter uma ideologia própria é dar uma personalidade mais forte ao Estado. Na atualidade, representa adotar um filtro capaz de avaliar em boas ou más as tecnologias, culturas, modas, tendências, etc., criadas pela globalização antes de absorvê-las no interior da sociedade. Uma ideologia permite também a geração de subprodutos filosóficos, literários, e culturais que podem ser exportados, incrementando o *soft power* nacional, e aumentando a sintonia política de uma macrorregião com seu Estado-diretor. A ausência de uma geoideologia, ao contrário, origina uma maior diversidade de orientação entre os países de um bloco, dificultando sua coesão política, e limitando a capacidade de influência da potência regional.

Se a geopolítica é a “consciência geográfica do Estado” no dizer de Klaus Haushofer (apud MATTOS, 2011, p. 88), a geoideologia, por assim dizer, seria uma espécie de “sonho geográfico do Estado”, uma “utopia de Estado”. As geoideologias podem, assim servir de meta-objetivos políticos quando adotadas por um Estado. Fosse possível a um Estado, ele congregaria todos os territórios que julgasse necessários para a realização de seus objetivos em termos de recursos naturais, segurança e/ou demanda econômica, inclusive reunindo todos os que considerasse como seus concidadãos, a exemplo da Alemanha nazista com os germânicos que viviam além de suas fronteiras. Talvez ainda desejasse reunir todos aqueles espaços de significado espiritual, simbólico e histórico para a felicidade da nação, como Kosovo é para Sérvia, ou Kiev para a Rússia. Esse ótimo geográfico é a geoideologia. Todo projeto de se construir uma Grande Nação, tais como, por exemplo, a Grande Israel (*Eretz Ysrael*), a Grande Índia (*Arghand Bharat*), o Grande Afeganistão (*Loy Afghanistan*), etc., é uma forma de geoideologia nacional.

Seja Geopolítica = G_p , Geoideologia = G_i , e Geoestratégia = G_e , expressamos a relação entre elas através da seguinte equação:

$$G_p = G_i + G_e$$

Quando $G_i = 0$, a geopolítica se reduz a uma geoestratégia de poder, pois que sem o fim maior da geoideologia, o poder, que é o meio para atingi-la, se converte

num fim em si mesmo. E quando $G_e = 0$, a geopolítica não passa de uma geoideologia, de uma geo-utopia, porque não dispõe de meios para concretizá-la.

As Geoideologias na atualidade

Existiriam, em princípio, tantas geoideologias quanto os Estados que já apareceram no mundo. Essas geoideologias podem ser classificadas de acordo com a escala espacial que abrangem: mundiais, regionais, nacionais, etc. Em realidade, isso depende muito do *status* de um Estado no sistema internacional. A seguir, apresentam-se algumas das geoideologias influentes na atualidade.

Geoideologias nacionais: Mais comuns no início do século XIX, quando da formação dos Estados-nações europeus, as geoideologias nacionais ainda estão presentes no século XXI, uma vez que nem todos os Estados surgidos eram propriamente homogêneos. Assim, as geoideologias se manifestam na Europa na forma de separatismos, como o nacionalismo catalão, basco, escocês, etc. E no caso daqueles Estados fora da Europa cujas fronteiras foram desenhadas pelo colonialismo, onde poucos eram de fato homogêneos, também há movimentos nacionalistas pela criação de um Curdistão, Baluquistão, Pashtunistão, etc. Alguns desses movimentos secessionistas fracassaram, como o de Biafra (Nigéria), e o de Katanga (antigo Congo Belga). Outros alcançaram êxito em suas reivindicações seccionistas, como Timor-Leste e Sudão do Sul.

Yves Lacoste chama a atenção para os 'geografismos', como ele chama o costume de alguns geógrafos de substituir o protagonismo do sujeito nas ações pelo protagonismo do espaço, como se ele tivesse vida própria. Segundo o autor os 'geografismos' camuflam a contradição entre os grupos sociais deste mesmo espaço, pois por trás do discurso patriótico estariam disfarçados os interesses da classe dominante transformados no interesse dos dominados (2005, p. 65). Algumas formas de nacionalismos ou separatismos, vendidos como ideário político, talvez possam mesmo ser compreendidos como geoideologias no sentido marxiano, em que interesses globais se passariam por vontades locais.

Moraes ressalta que no caso brasileiro, por exemplo, o regionalismo age no sentido de dificultar a formação de laços de solidariedade de maior consistência político-social, além de fragmentar os interesses populares, criando um nexó ilusório entre dominantes e dominados de uma mesma região, numa lógica comum com o

clientelismo (2005, p. 102-103). Assim, embora elitistas, no caso brasileiro os separatismos não se configuram em geoideologias antissistêmicas, além de veicularem um discurso que reduzem questões sociais à propriedades espaciais, num típico 'geografismo'.

Obviamente, nem todos os nacionalismos ou separatismos seriam farsas ou ideologias no sentido marxiano. É preciso estudar caso a caso para saber quais são antissistêmicos e quais não são. De um lado é verdade que o Estado-nação tende a homogeneizar seu povo em favor de sua unidade, apagando muitas das diferenças étnicas entre suas regiões, e que todos os povos tem direito de manter sua cultura e identidade. A formação do Estado-nação na Europa, por exemplo, foi feita em geral adotando-se um dialeto que era mais utilizado como idioma nacional em detrimento dos demais existentes (THIÈSSE, 2014, p. 46). Contra um Estado racista e segregador de suas minorias o separatismo pode ser legítimo. Por outro lado, viver em um Estado pequeno dificulta a independência econômica, o que o torna mais dependente do comércio internacional e vulnerável à pressão globalista, cujos processos de homogeneização são ainda mais intensos do que os do Estado-nação.

De acordo com Thièsse a construção da nação é feita preenchendo-se uma série de itens de um *check list* identitário obrigatório: fundadores ancestrais, uma história estabelecendo a continuidade da nação através dos tempos, uma série de heróis que incorporam os valores nacionais, uma língua, monumentos culturais e históricos, lugares de memória, uma paisagem típica, folclore, traje, gastronomia, um animal símbolo (2014, p. 36).

A nação não é apenas uma construção imaginária ou simbólica. A fim de torná-la um programa político consistente é preciso mostrar aos seus membros que ela é real, pautada em objetos concretos que atestam a sua autenticidade espaço-temporal, com reflexos, portanto, no ordenamento territorial do Estado, como no caso da eleição da paisagem e dos monumentos oficiais.

A preservação da paisagem típica implica na criação de parques nacionais, que protejam o relevo, e a flora e fauna com seus animais símbolos, além de eventuais populações tradicionais (THIÈSSE, 2014, p. 57). Aliás, o termo 'país' é derivado da mesma raiz etimológica do termo 'paisagem'. O habitante do país é o paisano. 'Estar à paisana' significa estar vestido de acordo com o traje típico do país.

A cada país corresponde uma paisagem. De outro lado o tombamento de monumentos de relevância cultural e histórica impactam no espaço urbano.

A 'desigualdade de tempos acumulada' no território construído, para utilizarmos uma expressão de Milton Santos, acaba refletindo a contradição da ideia da nação, que pretende ser uma forma de organização política moderna e mais progressista do que o Império, mas que alicerça seus fundamentos não no atual e contemporâneo e sim no passado remoto imutável (THIÈSSE, 2014, p. 61). Ao mesmo tempo em que o Estado-nação preserva uma parte de sua paisagem natural e rural, ele habilita o restante dela para ser destruído pela agricultura capitalista, lógica que se repete também na cidade, onde ele preserva uns poucos edifícios de valor e derruba os demais para erigir no lugar deles as modernas metrópoles, expressão da força econômica e do dinamismo da nação.

Geoideologias supranacionais: As geoideologias supranacionais ou macrorregionais também estão presentes no cenário político atual. Num mundo globalizado em que as identidades nacionais se enfraquecem diante de um processo intenso de ocidentalização da cultura, povos se voltam para a busca de identidades mais profundas e duradouras, como é o caso das civilizações. Potências médias ou regionais tentam se projetar internacionalmente através desse tipo de geoideologia, posto que sua posição no sistema internacional não permite que se projete mundialmente através de geoideologias de impacto global. Tem-se, por exemplo, Brasil e México dividindo a liderança da civilização latino-americana; África do Sul e Etiópia como candidatas a líder da civilização africana; Irã e Arábia Saudita disputando a hegemonia da civilização islâmica; ou até o pequenino Vaticano, cuja única relevância internacional é sua capacidade de influência junto à civilização cristã. Quando o conceito culturalista de civilização recebe um recorte espacial mais ou menos definido, alcança o sentido preciso de uma geoideologia de grande área.

Inclui-se nessa categoria de geoideologias supranacionais todas as 'pan-identidades', tais como o pangermanismo, pan-eslavismo, pan-arabismo, pan-iraniano, panturquismo, pan-islamismo, pan-africanismo, pan-americanismo, etc. As 'comunidades imaginárias', no dizer de Benedict Anderson, abrangidas pelas geoideologias, nesses casos, envolvem agrupamentos maiores que aqueles da língua nacional, tais como um grupo étnico, uma religião, ou os povos de um mesmo continente, caso emblemático da União Européia.

Geoideologias mundiais: As geoideologias mundiais ou globais são aquelas adotadas por Estados potências mundiais ou superpotências, como são os casos dos EUA e da Rússia na atualidade. Esses são Estados que se julgam capazes de liderar blocos de Estados, e assim influenciarem na formação e evolução da ordem mundial. Suas respectivas visões de mundo no presente são representadas pelas geoideologias do Atlantismo e do Eurasianismo.

Na visão de Aleksandr Dugin (2010), a doutrina Atlantista representa uma civilização marítima instalada no Novo Mundo, e que preza pelo primado do econômico sobre o político. Fundada nos valores do individualismo, do liberalismo e da democracia, ela tenta moldar o mundo à sua imagem. Em contraposição, a doutrina Eurasiana seria o reflexo de uma civilização continental desenvolvida no Velho Mundo, que prioriza o político sobre o econômico. Baseada no autoritarismo, na hierarquia e em princípios nacionais-estatais, ela tenta resistir às investidas atlantistas (DUGIN, 2010; 2012a).

Com a derrocada do socialismo na Guerra Fria, Francis Fukuyama apostou no surgimento de um mundo apolar. Sua visão representava *o que o mundo deveria ser*, isto é, o liberalismo se difundiria pelo planeta todo. Segundo Mannheim (1986), a utopia liberal envolve uma crença de que a realidade se move para o racional, racional este que é representado pelo ideal. A ideia de uma liberdade baseada no indeterminado, no incondicionado, postado como um objetivo formal projetado num futuro infinito é a sua marca

O livre-mercado na economia, a democracia na política e os direitos humanos na legislação deveriam ser as normas a serem adotadas pelos países na construção dessa utopia liberal, o que redundaria na formação de uma “cosmopolita sociedade civil sem fronteiras” (DUGIN, 2012b, p. 19). O indivíduo, livre de qualquer elo com seu lugar de origem que pudesse constrangê-lo, escolheria onde viver e trabalhar, além de se mover livremente mundo afora para consumir e desfrutar de sua liberdade. Os Estados que eventualmente se desviassem da norma seriam punidos pela humanidade organizada em instituições internacionais, responsáveis pela de autocorreção de rota. Essa posição é adotada pelo Atlantismo, a geoideologia amparada e difundida pelos EUA, a qual visa a formar um governo mundial através da globalização econômica.

Contudo, os atentados de 11 de Setembro em Nova York, a Meca do globalismo, perpetrados por terroristas muçulmanos trouxeram à tona a resistência das sociedades islâmicas à penetração dos valores do Atlantismo. Ganhava força a teoria do ‘Choque de Civilizações’ do sociólogo americano Samuel Huntington. Sua tese expressava o *confronto entre o que mundo deveria ser e o que ele é*, isto é, o confronto entre o ideal [liberal] e o real.

De acordo com este autor, os choques de civilizações ocorrerão, a nível micro, ao longo das linhas de cisão entre as civilizações, e a nível macro, entre os blocos econômicos de civilizações distintas (HUNTINGTON, 1997, p. 125-126). O liberalismo descobrira que possuía um novo inimigo no lugar do socialismo. Seus planos geopolíticos de dominação global não aconteceriam mais naturalmente como pensava Fukuyama, mas requereriam uma geoestratégia de combate ao terror global para proteger a humanidade livre, isto é, a civilização ocidental, das demais “incivilizações” iludidas por suas falsas ideologias.

Paralelamente, desenvolveu-se uma guerra contra o narcotráfico, que atingiu principalmente os países da América Latina, como México, Colômbia, e Bolívia e Brasil. O Afeganistão, primeiro país atacado após o 11/09 pelo bloco da OTAN, que continua lá estacionado até hoje, se insere em ambas as frentes: uma contra o terror e outra contra o narcotráfico. A geoestratégia ocidental da Guerra às Drogas prioriza ações de repressão nos países produtores, e não nos mercados consumidores das drogas, que são os EUA e Europa. Justificando essa opção vem uma imagem de que os Estados latino-americanos seriam débeis e incapazes de lidarem sozinhos com o narcotráfico em seus territórios, precisando então da colaboração americana através do fornecimento de equipamentos e preparo e inteligência às suas forças policiais, numa espécie de volta da geoideologia do pan-americanismo (“América para os americanos”). Na falta do colonizador europeu, de guerrilheiros comunistas, ou de terroristas muçulmanos, a Casa Branca elegeu os narcotraficantes latino-americanos como o novo inimigo a ser combatido pelo seu *big stick*.

Associado à geopolítica do globalismo existe o que se pode chamar de a “geoideologia do Aquecimento Global Antropogênico (AGA)”. De acordo com essa hipótese climatológica, o clima planetário estaria se aquecendo em decorrência das emissões humanas de dióxido de carbono (CO₂) geradas pelas mais diversas atividades econômicas. Tal interpretação conduz a uma geoestratégia de combate,

onde a mitigação do problema se daria a partir da adoção do 'desenvolvimento sustentável' pelos países, com efeitos no ordenamento territorial e uso do solo dos Estados através da preservação radical de florestas, o que limitaria a quantidade de terras cultiváveis disponíveis, e da substituindo os combustíveis fósseis por energias ditas limpas e renováveis.

O AGA é uma geoideologia no sentido marxiano do termo, pode-se dizer, porque inverte a realidade quando defende que o aumento das emissões antropogênicas de CO₂ provoca a elevação das temperaturas, sendo que na realidade não há uma relação causa-efeito: a temperatura média planetária tem se elevado naturalmente, e é este aumento que tem provocado uma maior emissão de CO₂ diluído nos oceanos (ONÇA, 2011, p. 121-122).

Na geopolítica do globalismo, a geoideologia do AGA aparece como uma arma geoestratégica com o objetivo de induzir ao erro os países que compram o programa político das Mudanças Climáticas. Seu propósito é, na verdade, atrasar o desenvolvimento real dos países emergentes através do encarecimento de seus custos, numa recriação da dependência econômica face aos países do Norte, que são os produtores das ditas tecnologias limpas (ONÇA, 2011, p. 472).

Por sua vez, o Eurasianismo aparece como uma geoideologia que pretende criar uma versão alternativa e multipolar da globalização, cujo principal idealizador é o sociólogo russo Aleksandr Dugin. Ele parte da teoria do choque das civilizações de Huntington e as combina com o conceito de 'grandes espaços' do jurista alemão Carl Schmitt. Assim, enquanto Huntington toma partido da civilização ocidental, Dugin acredita na resistência das demais civilizações. Sua Revolução Conservadora é uma visão que busca manter *o mundo como ele é*, ou seja, congelando a diferenciação da humanidade em civilizações e se opondo às alterações advindas do contágio homogeneizador com o Ocidente liberal' (2012b). Ao contrário, a proposta é que as civilizações busquem a sua essência e aprofundem, assim, as diferenças entre si.

Em suporte conceitual ao Eurasianismo, Dugin elabora a Teoria do Mundo Multipolar (TMM). A multipolaridade, segundo ele, seria a antítese da unipolaridade, pois seria caracterizada por vários centros decisórios, ao invés de apenas um, e seria a alternativa lógica a este, de modo que a humanidade só teria duas possibilidades hoje: ou uma ordem unipolar ou uma multipolar (2012b).

A TMM rejeita a unipolaridade porque não acredita na universalidade dos valores ocidentais associados a ela, e conseqüentemente, na legitimidade do Norte em falar em nome da humanidade como um todo, mormente em suas ações contra governos dissidentes da ordem liberal, sempre acusados de estarem violando os direitos humanos fundamentais (DUGIN, 2012b).

Na realidade, tanto o Atlantismo quanto o Eurasianismo são pontos de vista originários do Hemisfério Norte, onde está concentrado o grande jogo do poder mundial. No Sul existe uma outra realidade, daí que alternativo a eles tenha surgido a geoideologia do Meridionalismo, que designa uma visão própria da realidade mundial desde a perspectiva dos povos do Hemisfério Sul, cujos valores, psicologia, gênero de vida, etc., seriam diferentes daqueles praticados pelos povos do Norte. Enquanto as características do Hemisfério Sul nos fazem serem 'cálidos', 'marítimos', 'dispersos', os povos setentrionais são 'frios', 'terrestres', 'concentrados' (MARTIN, 2012).

Os Estados da zona meridional historicamente desempenharam o papel de vítima, ou, no máximo, de coadjuvantes entre os atores políticos internacionais (MARTIN, 2014, p. 3), mas agora poderiam encontrar no Brasil e na Índia, as potências emergentes do Sul, os Estados-líderes que os defendessem no cenário geopolítico mundial, contra a arrogância e o imperialismo do Norte, seja este, de matiz atlantista ou eurásiana.

Apesar de Brasil e Índia não serem potências mundiais, o Meridionalismo é classificado como uma geoideologia mundial, pois sua área de abrangência é hemisférica. Somando-se as bacias do Atlântico Sul, sob influência preponderante brasileira, e do Índico, sob influência preponderante indiana, se chega a uma espécie de condomínio que envolve a metade meridional do mundo, complementado pela África do Sul e Austrália. Assim, embora, nem Brasil nem Índia tenham condições de se projetar globalmente como EUA, Rússia e China, agindo em aliança eles ganhariam um impulso maior.

A geoestratégia do Meridionalismo defende o estabelecimento e a intensificação das relações Sul-Sul através de fóruns multilaterais como o IBAS e os BRICS. Este último está mais para uma aliança entre as potências do Eurasianismo com as do Meridionalismo para conter suas rivais do Atlantismo. Ainda se incluem as

iniciativas de integração econômica, como Mercosul, SAARC, SADC, e de integração política como UNASUL e OUA.

O Meridionalismo surge então como uma proposta de política externa para o Brasil emergente, e em substituição ao vácuo ideológico deixado pelo fim do regime militar (MARTIN, 2012).

No Quadro 1 abaixo, faz-se uma breve resumo das geoideologias mundiais e das políticas associadas a elas.

Quadro 1 - Quadro-síntese das Geoideologias mundiais

Geopolítica	Geoideologia	Geoestratégia
Globalismo	Atlantismo	Globalização, governança global, guerras globais (contra o AGA, o terror, e o narcotráfico)
Mudanças Climáticas	Aquecimento Global Antropogênico	Desenvolvimento Sustentável
Multipolaridade	Eurasianismo	União Econômica Eurasiana, Organização de Cooperação de Xangai, BRICS, reforma do CS/ONU
União Hemisférica	Meridionalismo	Cooperação Sul-Sul, IBAS, BRICS, Mercosul, UNASUL

Considerações finais

A derrocada do socialismo na Guerra Fria e do nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial não foi a morte das ideologias, ou a vitória do liberalismo como única ideologia possível confirmada pela história. Em realidade, é exatamente o contrário. O fim da bipolaridade, em que os ditames impostos pelas duas superpotências EUA e URSS aos diversos movimentos políticos mundo afora visavam enquadrá-los dentro da ótica binária do socialismo ou do capitalismo, permite agora o florescimento das mais diversas (geo)ideologias, capazes de expressar os mais diversos valores e visões de grupos políticos, sem mais as antigas restrições de outrora.

O processo intenso de globalização e ocidentalização do mundo aproxima demasiadamente os diversos povos, que, ao serem confrontados, reagem com o nacionalismo. Fortalecer as fronteiras do Estado-nação representa uma tentativa de encontrar um porto seguro contra as mudanças rápidas trazidas pela pós-

modernidade. O Eurasianismo pretende, desse modo, ser a geoideologia que engloba todos esses nacionalismos antissistêmicos. O Meridionalismo, por sua vez, aferra-se à possibilidade de se criar um ponto de vista próprio, reunindo todos os Estados “impotentes” do Hemisfério Sul, a partir da liderança brasileiro-indiana.

A dialética histórica ganharia assim, um novo impulso a partir do confronto ideológico entre a tese liberal e sua antítese conservadora. Este se desdobra no conflito geopolítico entre o Atlantismo e o Eurasianismo, que, numa situação limite, poderia desembocar na III Guerra Mundial entre as potências de cada bloco. E o Meridionalismo expressa nesse sentido a busca dramática da paz mundial através de uma visão realista das relações internacionais. A história não acabou.

Referências

DUGIN, Aleksandr. **A Grande Guerra dos Continentes**. Lisboa: Antagonista, 2010.

_____. **Eurasianismo: ensaios selecionados**. João Pessoa: Zarinha Centro de Cultura, 2012a.

_____. **Teoria do Mundo Multipolar**. Lisboa: IAE, 2012b.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque das Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 2005.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MARTIN, André R. O Meridionalismo Geopolítico. In: **Seminário Estratégias de Defesa Nacional**. Brasília: Congresso Nacional, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-oABdxQGLG0>> – Acesso 12/07/15.

_____. Entrevista concedida a Dídimo Matos. **Revista de Geopolítica**, v.5, nº2, pp. 3-4, jul./dez. 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica**, v. I. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

_____. **Geopolítica**, v. III. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

ONÇA, Daniela de Souza. **“Quando o sol brilha, eles fogem para sombra...”**: a ideologia do aquecimento global. 2011. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Física, USP, São Paulo – SP.

SILVA, Golbery do Couto e. **Conjuntura política nacional: o poder executivo & Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: Jose Olympio Editora, 1981.

THIÈSSE, Anne-Marie. As Identidades Nacionais: um paradigma transnacional. In: GAUDIO, Rogata Soares Del; PEREIRA, Doralice Barros (Orgs.). **Geografias e ideologias: submeter e qualificar**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

Recebido em fevereiro de 2018.

Publicado em julho de 2018.